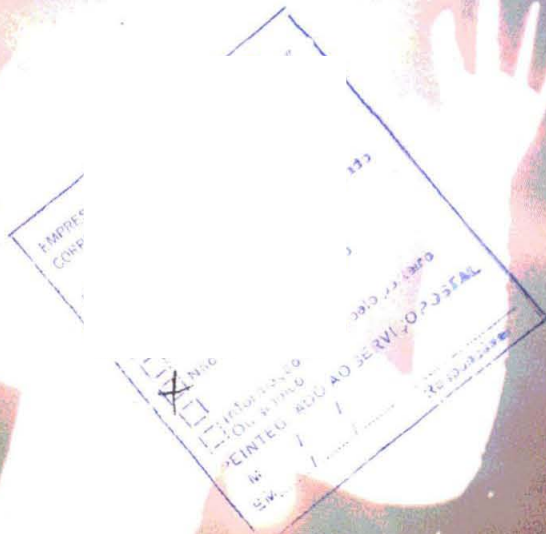


CONTRATO Nº 2810/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



chegou a hora
dessa gente
BRONQUEADA
mostrar
seu valor.

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V

Nº 63/69

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



“O Instituto Camões é atualmente uma das mais ativas instituições culturais de Brasília, com programação intensa e de qualidade”

Portugal quer voltar a ser do tamanho do mundo

□ LUIS TURIBA

Às 19 horas do dia 9 de março de 2000 será lançado no salão nobre da Torre de Belém, em Lisboa, um número especial da revista “Camões” totalmente dedicado ao quinto centenário do Descobrimento do Brasil pelos portugueses. Entrevistas, ensaios, poemas, grafismos e fotos interpretarão o encontro das duas culturas ao longo desses 500 anos. Serão 15 mil exemplares distribuídos por 60 países nos cinco continentes do planeta.

A informação é do presidente do Instituto Camões, o historiador Jorge Couto, que esteve no Rio de Janeiro participando do 6º Encontro Internacional de Lusitanistas. O evento trouxe novamente ao Brasil o escritor José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura, e reuniu no *campus* da UFRJ cerca de 600 especialistas - professores, escritores, críticos - da cultura lusófona no mundo.

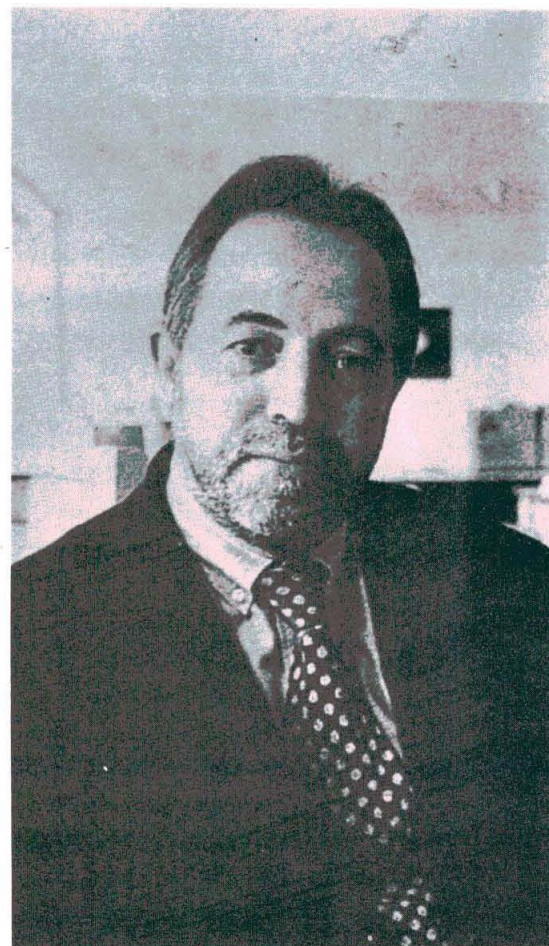
Para a concretização desse encontro, a participação do Instituto Camões foi fundamental. A instituição - uma espécie de Aliança Francesa ou Cultura Inglesa da língua portuguesa - é ligada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, trabalha com recursos consideráveis e tem feito um esforço extraordinário para difundir a cultura lusófona pelo mundo afora. Em Brasília, essa atuação é sentida por intermédio de uma intensa programação cultural da embaixada, liderada pelo conselheiro Rui Rasquilho.

No processo de globalização, Portugal quer voltar a ser do tamanho do mundo, como na época

dos descobrimentos. Jorge Couto afirma que, do Japão à Patagônia, o Instituto tem financiado eventos, exposições, palestras, encontros. A preocupação com a difusão da língua portuguesa tem levado seus dirigentes a realizar cursos, seminários, exposições nas principais cidades do mundo. Até mesmo a revista “Rumos”, editada pela comissão brasileira para a Comemoração do V Centenário do Descobrimento do Brasil tem o apoio decisivo do Instituto português.

Mas toda essa movimentação mundial, que acontece “sob o manto diáfano da palavra lusofonia”, como bem classificou o filósofo e professor português Onésimo Teotónio (ele esteve em Brasília e fez palestra no Instituto), tem sua logística na revista “Camões”, que este mês chegou ao seu quarto número. A “Camões - Letras e Culturas Lusófonas” é ímpar em termos de programação visual, papel, ilustrações, ensaios fotográficos, etc. Com capas refinadas e elegantes, tem sempre mais de 110 páginas - o último número teve 152. As edições trazem cadernos anexos com resumos em espanhol, francês e inglês.

O primeiro número da “Camões” foi dedicado



**Jorge Couto,
Presidente
do Instituto
Camões**

“A língua portuguesa é falada hoje por 200 milhões de habitantes da terra”

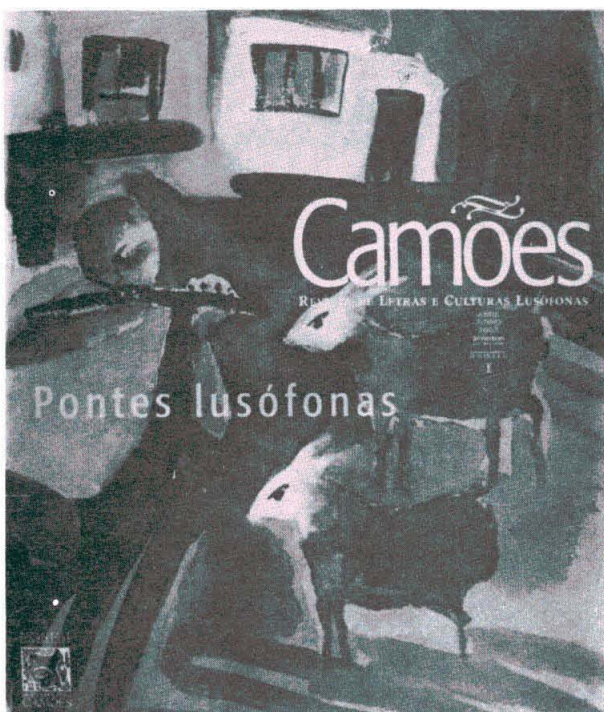
a “Pontes Lusófonas”, com um riquíssimo material sobre “as identidades culturais diversas que se interpretam numa língua comum, o português”. O segundo abordou as literaturas ibero-americanas e há muita poesia de Carlos Drummond de Andrade, Maria Victoria Atencia, Jorge Luís Borges, Octávio Paz, Carlos de Oliveira, Jorge de Sena, Julio Cortazar e Gabriel Garcia Marques. O terceiro número saiu sob o impacto do

Prêmio Nobel de Literatura, dado ao escritor José Saramago. São republicados artigos que homenageiam o escritor, de todos os grandes jornais do mundo, entre os quais os brasileiros “O Globo”, “A Folha de São Paulo” e o “Estado de São Paulo”. O quarto número, lançado agora no encontro de lusitanistas, também é totalmente dedicado ao bicentenário do escritor Almeida Garrett, introdutor do Romantismo em Portugal.

Aqui, nesta conversa com o poeta Luis Turiba, Jorge Couto conta o esforço da instituição para manter vivo e coeso o manto diáfano da lusofonia.

No editorial da primeira revista “Camões” o senhor afirma que o principal objetivo do Instituto Camões é a difusão do universo e das culturas lusófonas e também da língua portuguesa pelo mundo. Como isto está acontecendo?

Jorge Couto - Nós estamos trabalhando em diversos planos para atingir esses objetivos. Com relação à língua portuguesa, temos um ambicioso projeto sendo executado nas Américas, na África e também na Europa e na Ásia, no sentido de criar centros de investigação de língua portuguesa para estrangeiros. Tecnicamente chamamos esse programa de PLE - Português, Língua Estrangeira. Estamos a efetuar esse investimento em diversas



universidades africanas, também na Argentina, no México, nos Estados Unidos, no Canadá e em muitos outros grandes centros universitários europeus. Em segundo lugar, posso sublinhar também o investimento que estamos fazendo no âmbito da investigação lingüística e na tradução automática do português através de programa específico. Junto à União Européia (UE), estamos a desenvolver diversos programas do ensino da língua e também de

investigação da cultura lusófona através da Internet.

A língua portuguesa vive um momento especial de reencontros como, por exemplo, esse congresso internacional de lusitanistas no Rio, onde todos demonstram uma preocupação com a situação política e existencial de Timor Leste. Portugal quer voltar a ser do tamanho do mundo, como foi na época das descobertas?

Acho que há muito de verdade naquilo que acabas de afirmar. Há de fato uma pujança no crescimento da língua portuguesa, hoje falada por cerca de 200 milhões de habitantes nos quatro continentes, já suplantando inclusive a língua francesa. Há também um significativo interesse pelo aprendizado do idioma português nesses continentes. Paralelamente a tudo isso, há uma grande criatividade por parte das culturas lusófonas nos países que se exprimem em português, quer na América, como o Brasil; ou na Europa, como Portugal; em África e em certas regiões da Ásia. Observamos hoje que, no campo da literatura, das artes plásticas, do cinema, já há um domínio dos criadores lusófonos, brasileiros, portugueses e africanos. Eles estão ganhando espaço e respeito, posições e notoriedade, significativamente no mundo mais techedo à diversidade multicultural, como é o caso do mundo anglo-saxônico.

“Apostamos na biodiversidade do mundo natural e também na pluralidade das línguas”

Como acontece essa relação cultural de Portugal com suas ex-colônias no mundo? É uma via de duas mãos, ou seja: ao mesmo tempo que Portugal exporta sua cultura, também absorve as culturas lusófonas brasileira, africana e asiática?

O essencial é que a matriz portuguesa, devido aos condicionamentos históricos, acabou por se miscigenar biológica e culturalmente com outras civilizações, fossem elas africanas, americanas ou asiáticas. Essa matriz terminou dando origem a uma multiplicidade de culturas que hoje são cada vez mais pujantes e que na imensa diversidade de seus conjuntos têm um paradigma comum: a utilização da nossa língua, embora com as variedades regionais que são tão naturais em um contexto tão diversificado e pluricontinental.

A revista “Camões” tem uma proposta editorial refinada, tanto na sua essência textual como gráfica. Portugal quer reconquistar o mundo através da beleza?

A revista “Camões” é um produto concebido com muito carinho, com o empenho de uma equipe pequena, mas que acredita fortemente no seu objetivo, que é o de tornar a língua portuguesa e as culturas lusófonas cada vez mais conhecidas em todo o mundo. Uma das conclusões do mundo em que vivemos é que a imagem também conta - e como conta. Ora, se queremos que nossas culturas sejam respeitadas e apreciadas internacionalmente, temos que apresentar o nosso produto também através da qualidade visual. A “Camões” chega aos cinco continentes e a sessenta países com uma tiragem de 15 mil exemplares.

Qual a sua opinião sobre as tentativas de unificação das diversas línguas portuguesas praticadas no mundo atual, quer através de um acordo ortográfico, ou até por iniciativas políticas como a Comunidade de Países da Língua Portuguesa (CPLP)?

O acordo visa padronizar a

ortografia, mas a língua portuguesa, independentemente de existir ou não o acordo, será sempre extremamente plástica e com isso terá tratamentos próprios de seus falantes na América, na Europa, na África e na Ásia. Por mais acordos sociais que se estabeleçam, a criatividade e a plasticidade da língua portuguesa acabarão sempre por imperar sobre os textos legais. Esta é minha posição pessoal. Naturalmente se o acordo entrar em vigor, nós o subscreveremos integralmente. No entanto, achamos que as leis não modulam as sociedades. Na vida acontece o contrário: é a força da sociedade que acaba por levar à feitura das leis.

Na sua opinião, a língua portuguesa e as culturas lusófonas já estão integradas no processo de globalização do planeta Terra ou correm esse risco?

Estamos a lutar duramente. Como disse o escritor José Saramago, na globalização não travamos somente uma batalha no domínio econômico, mas também no campo cultural e lingüístico. Na globalização se subentende um imperialismo lingüístico, com o domínio do inglês sobre os demais idiomas. Nós, porém, apostamos na biodiversidade do mundo natural e também na pluralidade das línguas e das culturas. Estamos a travar uma batalha dura pela afirmação desses princípios fundamentais.

Atualmente, quais os destaques da cultura brasileira que mais influenciam a cultura lusitana? Fala-se muito que a TV Globo está até modificando o clássico sotaque português...

Há diversos segmentos da cultura brasileira que estão a influenciar decisivamente a cultura portuguesa. Destaco o audiovisual, a informática e o grafismo. Nesses segmentos, os brasileiros são pioneiros dentro do mundo lusófono. Por isso, nota-se uma substancial melhoria dos portugueses influenciados pelos brasileiros.

